

Marcadores prosódicos gráficos e organização prosódico-discursiva da escrita de jovens com e sem trissomia do cromossomo 21¹

Graphic prosodic markers and prosodic-discursive organization of the writing of young people with and without trisomy 21

DOI: 10.22481/lnostr.v14i1.19927

Doralice Leite Ribeiro Alves

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

E-mail: doradimel@gmail.com

Marian Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

E-mail: marian.oliveira@uesb.edu.br

Vera Pacheco

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

E-mail: vera.pacheco@gmail.com

Deise Santana Maia

Université de Lille

E-mail: deise.santanamaia@univ-lille.fr

Maria Silva Santos Barbosa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

E-mail: mssbarbosa@uesb.edu.br

¹ Esta pesquisa está inserida no escopo do Projeto Cofecub, processo número 88887.987488/2024-00; título: Inteligência artificial para análise cognitiva e gestual em estudantes com e sem surdez e com T21 e contou com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Resumo

Este estudo analisa o emprego de marcadores prosódicos gráficos (MPGs) em produções textuais de jovens com trissomia do cromossomo 21 (T21) e de jovens com desenvolvimento típico à luz das relações entre prosódia, pontuação e construção de sentidos. Objetivou-se analisar a frequência, a diversidade e a funcionalidade discursivo-prosódica dos MPGs, bem como identificar estratégias alternativas de organização textual mobilizadas pelos participantes. Realizou-se, neste estudo, uma análise quanti-qualitativa de caráter exploratório. O corpus foi constituído por oito produções textuais de jovens entre 17 e 22 anos, distribuídos em dois grupos: quatro participantes com T21 (G1) e quatro com desenvolvimento típico (G2). Foram analisados sete marcadores prosódicos gráficos convencionais: ponto final, vírgula, dois-pontos, travessão, ponto de exclamação, ponto de interrogação e reticências. Os resultados evidenciaram menor frequência e diversidade de MPGs no G1. Entretanto, a análise qualitativa revelou que os participantes com T21 recorreram a estratégias gráfico-visuais alternativas para segmentar informações, organizar o texto e orientar a leitura. Os achados reforçam a compreensão de que os MPGs transcendem a dimensão estritamente normativa, constituindo recursos de organização discursiva e de representação gráfica da prosódia. Conclui-se que sua apropriação é um processo heterogêneo, fortemente relacionado às experiências de letramento, o que evidencia a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas que considerem a funcionalidade discursivo-prosódica da pontuação na construção de sentidos.

Palavras-chave: Prosódia; Texto; Síndrome de Down; Inclusão.

Abstract

This study analyzes the use of graphic prosodic markers (GPMs) in written texts produced by young people with trisomy 21 (T21) and by peers with typical development, in light of the relationships among prosody, punctuation, and meaning construction. The study aimed to examine the frequency, diversity, and discursive-prosodic functions of GPMs, as well as to identify alternative text-organizing strategies employed by the participants. An exploratory mixed-methods analysis, combining quantitative and qualitative approaches, was conducted in this study. The corpus consisted of eight written texts produced by participants aged 17 to 22 years, divided into two groups: four participants with T21 (G1) and four with typical development (G2). Seven conventional graphic prosodic markers were analyzed: the period, comma, colon, dash, exclamation mark, question mark, and ellipsis. The results revealed a lower frequency and diversity of GPMs in G1. However, the qualitative analysis showed that participants with T21 employed alternative graphic-visual strategies to segment information, organize the text, and guide the reading process. These findings reinforce the understanding that GPMs extend beyond their strictly normative function, serving as resources for discursive organization and the graphic representation of prosody. It is concluded that the appropriation of GPMs is a heterogeneous process, strongly associated with individuals' literacy experiences, highlighting the need for inclusive pedagogical practices that consider the discursive-prosodic function of punctuation in meaning construction.

Keywords: Prosody; Text; Down Syndrome; Inclusion.

INTRODUÇÃO

A escrita constitui uma das principais formas de interação social e de produção de conhecimento, pois possibilita registrar experiências, compartilhar informações e construir sentidos em diferentes práticas discursivas. Para cumprir essa função, entretanto, não basta a seleção lexical ou a organização sintática dos enunciados. A produção textual pressupõe a mobilização de recursos linguísticos capazes de orientar o leitor na interpretação, delimitando unidades informacionais, estabelecendo relações entre ideias e fornecendo pistas para a reconstrução de aspectos prosódicos envolvidos na leitura. Entre esses recursos, destacam-se os marcadores prosódicos gráficos (MPGs), especialmente os sinais de pontuação, cuja função ultrapassa a segmentação sintática e participa da organização discursiva do texto.

Nas últimas décadas, os estudos sobre prosódia e escrita têm demonstrado que a pontuação não pode ser compreendida apenas como um conjunto de convenções normativas. Conforme discutem Cagliari (1989, 1992, 2007), Barbosa (2012, 2019), Massini-Cagliari e Cagliari (2003) e Pacheco (2003, 2006, 2017), os marcadores prosódicos gráficos representam, na escrita, parte da organização prosódica da linguagem, orientando o fraseamento, a interpretação e a construção de sentidos. Nessa perspectiva, a pontuação deixa de ser entendida exclusivamente como mecanismo de organização sintática para assumir papel central na articulação entre escrita, leitura e prosódia.

Embora essa perspectiva esteja relativamente consolidada nos estudos sobre prosódia e escrita, ainda são escassas as investigações que analisam a apropriação dos marcadores prosódicos gráficos por pessoas com trissomia do cromossomo 21 (T21). A maior parte das pesquisas sobre linguagem nessa população concentra-se em aspectos fonológicos, lexicais, morfossintáticos, cognitivos ou em habilidades relacionadas à alfabetização e à compreensão leitora, permanecendo pouco exploradas as relações entre prosódia, pontuação e produção escrita. Essa lacuna limita a compreensão dos processos pelos quais esses sujeitos organizam discursivamente seus textos e mobilizam recursos gráficos para orientar a leitura e construir sentidos.

Sob essa perspectiva, este estudo parte do pressuposto de que a análise da escrita de jovens com T21 não deve restringir-se à identificação de desvios em relação à norma ortográfica. Mais do que verificar a frequência de sinais de pontuação, interessa compreender como esses sujeitos organizam seus textos e quais recursos empregam para segmentar

informações, estruturar a progressão discursiva e orientar o leitor. Essa abordagem desloca o foco da ausência de determinados marcadores para a investigação das estratégias efetivamente mobilizadas na construção da escrita.

Além dos jovens com T21, foram incluídos jovens com desenvolvimento típico. Essa inclusão não teve por finalidade estabelecer suas produções como padrão normativo em relação ao qual a escrita dos participantes com T21 fosse avaliada, mas constituir um parâmetro de contraste analítico para a análise de aproximações, semelhanças e diferenças entre os grupos na frequência, na diversidade e na funcionalidade discursivo-prosódica dos MPGs, bem como nas estratégias empregadas para organizar o texto e orientar a leitura. Esse contraste possibilitou identificar, no âmbito do corpus analisado, os recursos compartilhados pelos dois grupos e aqueles mais recorrentes nas produções de cada um deles, sem atribuir automaticamente as diferenças observadas à condição genética nem reduzir os usos não convencionais à lógica do erro.

Diante desse cenário, a pesquisa foi orientada pela seguinte questão: *como jovens com e sem T21 mobilizam os marcadores prosódicos gráficos em suas produções escritas e que estratégias, além dos MPGs convencionais, utilizam para organizar o texto e orientar a leitura?*

O objetivo geral consiste em analisar a frequência, a diversidade e a funcionalidade discursivo-prosódica dos marcadores prosódicos gráficos em produções textuais de jovens com e sem T21, bem como identificar estratégias alternativas de organização textual. Especificamente, pretende-se: (i) descrever a frequência e a diversidade dos MPGs empregados pelos participantes; (ii) analisar sua funcionalidade discursivo-prosódica; (iii) identificar estratégias gráfico-visuais de organização textual mobilizadas pelos jovens com T21; e (iv) discutir as implicações desses resultados para o ensino da escrita em contextos inclusivos.

Parte-se da hipótese de que jovens com T21 utilizem menor variedade e frequência de marcadores prosódicos gráficos convencionais do que jovens com desenvolvimento típico. Entretanto, pressupõe-se que essa diferença não corresponda à ausência de organização textual, mas à mobilização de estratégias gráfico-discursivas alternativas capazes de estruturar o texto, orientar a leitura e contribuir para a construção de sentidos.

Ao articular análises quantitativas e qualitativas, este estudo pretende ampliar a compreensão dos processos de apropriação dos marcadores prosódicos gráficos na escrita de

jovens com T21, oferecendo evidências que contribuem tanto para os estudos sobre prosódia e escrita quanto para a formulação de práticas pedagógicas inclusivas que compreendam a pontuação como recurso discursivo, prosódico e semântico.

Além desta introdução, este artigo é composto por mais 5 itens: em 1, há uma breve apresentação teórica; em 2, apresenta-se aspectos relacionados à escrita de pessoas com T21; em 3, os passos metodológicos são abordados; em 4, apresentam-se e discutem-se os resultados e, por fim, em 5, têm-se as reflexões finais e em seguida as referências.

1 PROSÓDIA, MARCADORES PROSÓDICOS GRÁFICOS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NA ESCRITA

A prosódia constitui uma dimensão estruturante da linguagem, pois participa da organização dos enunciados, da hierarquização das informações e da construção dos sentidos nas práticas discursivas. Embora tradicionalmente associada à oralidade, ela não se restringe à fala nem pode ser compreendida apenas como um conjunto de traços expressivos ou suprasegmentais acrescentados ao material verbal. Elementos como ritmo, entoação, pausas, duração e acento atuam na delimitação de unidades linguísticas, na marcação de fronteiras informacionais, na indicação de saliências discursivas e na orientação da interpretação do interlocutor. Desse modo, a prosódia integra o funcionamento da linguagem em sua dimensão linguística, discursiva e pragmática, desempenhando papel decisivo na forma como os sentidos são produzidos, organizados e interpretados.

Essa compreensão amplia abordagens que tomam a prosódia apenas como fenômeno acústico da fala. Conforme discutem Cagliari (1989, 1992, 2007), Massini-Cagliari e Cagliari (2003) e Barbosa (2012, 2019), os fenômenos prosódicos participam da estruturação dos enunciados ao estabelecer relações entre segmentos, indicar continuidade ou ruptura, marcar ênfases, organizar o ritmo da produção linguística e sinalizar atitudes ou intenções comunicativas. Assim, a produção de sentidos não decorre exclusivamente da seleção lexical ou da organização sintática, mas também da maneira como os enunciados são prosodicamente configurados.

Na modalidade oral, essa organização se manifesta por meio de variações entoacionais, rítmicas e acentuais perceptíveis na fala. A distribuição das pausas, a duração de determinados segmentos, a elevação ou queda da curva melódica e a incidência do acento

sobre determinadas palavras podem modificar significativamente a interpretação de um enunciado, atribuindo-lhe valores como afirmação, dúvida, ironia, surpresa ou ênfase.

Na escrita, embora os fenômenos prosódicos não se realizem da mesma forma que na fala, parte de suas funções pode ser representada por recursos gráficos que orientam o leitor durante o processo interpretativo. A escrita não transcreve integralmente a oralidade nem reproduz todos os aspectos prosódicos presentes na fala, mas dispõe de mecanismos capazes de sugerir pausas, fronteiras, entoações, ritmos e modos de leitura. Entre esses mecanismos, destacam-se os sinais de pontuação e outros recursos gráfico-visuais que contribuem para organizar o texto e guiar a construção dos sentidos. É nesse ponto que a relação entre prosódia e escrita se torna central para a compreensão dos marcadores prosódicos gráficos.

O conceito de marcadores prosódicos gráficos, inicialmente formulado por Cagliari (1989) e posteriormente aprofundado por Pacheco (2003, 2006, 2017), permite compreender os sinais gráficos da escrita como recursos que fornecem instruções para a realização prosódica da leitura. Sob essa perspectiva, a pontuação não deve ser reduzida a um conjunto de normas destinadas apenas à correção gramatical ou à segmentação sintática. Ela participa da organização discursiva do texto ao indicar ao leitor como determinadas unidades devem ser agrupadas, separadas, enfatizadas ou interpretadas. Os marcadores prosódicos gráficos funcionam, assim, como pistas visuais que orientam o fraseamento, o ritmo, as pausas e os contornos entoacionais mobilizados na leitura.

A partir dessa concepção, a pontuação deixa de ocupar um lugar meramente normativo e passa a ser analisada em sua dimensão funcional. O ponto final, por exemplo, não apenas encerra uma frase; ele também pode indicar fechamento de uma unidade discursiva, suspensão da continuidade informacional e preparação para uma nova sequência textual. Assim como o ponto final, a vírgula, os dois-pontos, o travessão, os pontos de exclamação e de interrogação e as reticências não apenas delimitam unidades sintáticas, como também organizam a progressão textual e produzem efeitos discursivos e pragmáticos (Chacon, 1996; Muniz, 2016).

Nesse sentido, os MPGs participam da arquitetura textual e discursiva, pois orientam a leitura, organizam a progressão das ideias e contribuem para que o leitor reconstrua, na materialidade gráfica, aspectos da prosódia que não estão disponíveis acusticamente. Essa função é particularmente relevante quando se considera que a leitura, mesmo silenciosa, envolve processos de fraseamento e de organização prosódica interna. Ao encontrar sinais de

pontuação, o leitor é levado a estabelecer agrupamentos, projetar pausas, reconhecer relações entre segmentos e atribuir valores interpretativos ao texto. Dessa forma, os MPGs operam como dispositivos de mediação entre escrita, leitura e prosódia.

A compreensão dos marcadores prosódicos gráficos resulta de uma mudança de perspectiva nos estudos sobre a pontuação. Durante muito tempo, prevaleceu uma concepção segundo a qual os sinais de pontuação desempenhariam essencialmente funções sintáticas (Silva, 2009). Nas últimas décadas, entretanto, estudos desenvolvidos no campo da prosódia e da linguística do texto passaram a compreender a pontuação como recurso de organização discursiva, responsável por orientar a leitura, estruturar a progressão textual e contribuir para a construção dos sentidos. Nessa perspectiva, os marcadores prosódicos gráficos deixam de ser concebidos apenas como delimitadores sintáticos para serem compreendidos como elementos que representam, na escrita, parte da organização prosódica presente na linguagem oral.

Entre os pesquisadores que contribuíram para essa mudança conceitual, destacam-se os trabalhos de Cagliari (1989, 1992, 2007), cuja proposta rompe com interpretações estritamente normativas da pontuação. Para o autor, os sinais gráficos não podem ser analisados apenas a partir de critérios sintáticos, uma vez que sua utilização está diretamente relacionada ao modo como o escritor organiza o discurso e projeta determinadas formas de leitura. Ao introduzir o conceito de marcadores prosódicos gráficos, Cagliari inaugura uma perspectiva segundo a qual a escrita preserva, ainda que de forma parcial e convencional, traços da organização prosódica dos enunciados. Desse modo, os sinais de pontuação passam a ser compreendidos como recursos que auxiliam o leitor na reconstrução de aspectos rítmicos, entoacionais e informacionais que caracterizam a produção linguística.

Essa concepção foi aprofundada por Pacheco (2003, 2006, 2017), cujos estudos evidenciam que os marcadores prosódicos gráficos exercem funções que extrapolam a segmentação sintática. Segundo a autora, esses recursos orientam a realização prosódica, organizam a informação e articulam dimensões sintáticas, discursivas, pragmáticas e prosódicas, mediando a relação entre escritor e leitor. A autora destaca, ainda, que os MPGs não se restringem à marcação dos diferentes tipos frasais – declarativos, interrogativos, exclamativos ou imperativos –, mas também expressam atitudes, intenções comunicativas e efeitos discursivos.

Essa perspectiva amplia a compreensão da pontuação, que passa a ser reconhecida como parte da arquitetura discursiva do texto. Mais do que marcar a estrutura sintática, os sinais gráficos organizam a informação, orientam o fraseamento e a progressão temática, contribuindo para a construção de sentidos e para a interpretação do leitor.

As reflexões desenvolvidas por Massini-Cagliari e Cagliari (2003) reforçam essa perspectiva ao evidenciarem que a prosódia participa da estruturação dos textos por meio da delimitação de fronteiras, da hierarquização de informações e da orientação da interpretação. Os autores argumentam que a tessitura prosódica organiza os enunciados em diferentes níveis, estabelecendo relações que não podem ser plenamente explicadas apenas por critérios sintáticos. Tal compreensão fortalece a ideia de que a escrita mobiliza recursos gráficos capazes de representar parte dessas relações, tornando os MPGs elementos fundamentais para a compreensão da interação entre prosódia e linguagem escrita.

Nessa mesma direção, Barbosa (2012, 2019) destaca que aspectos prosódicos, como ritmo, entoação e acento, desempenham papel central na codificação de informações linguísticas e pragmáticas e na construção de efeitos comunicativos. Embora suas análises se concentrem na oralidade, suas contribuições evidenciam que, na escrita, os marcadores prosódicos gráficos representam parcialmente essas funções, orientando o leitor na reconstrução da organização prosódica do texto.

Sob essa perspectiva, torna-se evidente que a pontuação não constitui um mecanismo secundário da escrita, mas um componente essencial da textualidade. Sua função ultrapassa a indicação de pausas ou o cumprimento de convenções ortográficas, integrando um sistema complexo de recursos responsáveis por organizar a informação, orientar a leitura e produzir efeitos de sentido. Compreender os marcadores prosódicos gráficos a partir dessa abordagem significa reconhecer que a escrita preserva dimensões prosódicas da linguagem e que tais dimensões participam ativamente da construção do texto e da interação entre escritor e leitor.

A ampliação da concepção de marcadores prosódicos gráficos proposta por Pacheco (2017) representa um avanço importante para os estudos sobre prosódia e escrita. Ao retomar o conceito formulado por Cagliari (1989), a autora defende que a representação gráfica da prosódia ultrapassa os sinais convencionais de pontuação, abrangendo diferentes recursos gráfico-visuais que orientam a interpretação do leitor e a realização prosódica da leitura. Dessa forma, amplia-se a compreensão dos elementos que podem exercer funções prosódico-discursivas na organização do texto.

Nessa perspectiva, a organização espacial da escrita passa a integrar o conjunto de recursos responsáveis pela orientação da leitura. Conforme observa Pacheco (2017), elementos como a presença ou ausência de parágrafos, o espaçamento entre blocos textuais, a disposição gráfica das informações, a escolha tipográfica e outras marcas visuais podem influenciar o comportamento prosódico do leitor durante a leitura silenciosa ou oralizada. Em outras palavras, a prosódia não é representada exclusivamente pelos sinais de pontuação, mas emerge da articulação entre diferentes recursos gráficos que organizam visualmente o texto e orientam sua interpretação.

Essa ampliação do conceito de marcador prosódico gráfico possui importantes implicações teóricas e metodológicas. Em primeiro lugar, ela desloca o foco da análise da simples identificação de sinais convencionais de pontuação para a investigação dos diferentes mecanismos empregados pelos escritores para organizar a informação e orientar o leitor. Em segundo lugar, permite compreender que a ausência ou a baixa frequência de determinados sinais de pontuação não implica, necessariamente, ausência de organização textual ou de planejamento discursivo. Pelo contrário, diferentes estratégias gráfico-visuais podem assumir funções equivalentes na segmentação do discurso, na marcação de fronteiras textuais e na condução da leitura.

Essa perspectiva revela-se particularmente relevante para pesquisas que investigam práticas de escrita em contextos educacionais e inclusivos. Quando a análise permanece restrita à verificação do emprego correto dos sinais de pontuação convencionais, tende-se a privilegiar uma perspectiva normativa que frequentemente invisibiliza outras formas de organização textual mobilizadas pelos sujeitos. Ao reconhecer que diferentes recursos gráficos podem desempenhar funções prosódicas e discursivas, amplia-se o horizonte analítico e torna-se possível compreender a escrita em sua dimensão funcional, considerando não apenas aquilo que os sujeitos deixam de realizar segundo a norma, mas também os recursos que efetivamente mobilizam para construir sentidos.

Essa mudança de perspectiva aproxima-se das reflexões desenvolvidas por Chacon (1996), para quem a pontuação constitui um dos principais mecanismos de organização rítmica da escrita. Ao discutir o ritmo como propriedade constitutiva da linguagem, o autor rompe com interpretações que restringem esse fenômeno à oralidade ou à poesia e demonstra que a pontuação participa da organização da textualidade, delimitando unidades discursivas, distribuindo o fluxo informacional e contribuindo para a produção de sentidos. Sob essa

perspectiva, a pontuação não apenas acompanha o desenvolvimento textual, mas participa ativamente da arquitetura discursiva do texto, permitindo ao leitor reconstruir aspectos prosódicos que não se encontram explicitamente materializados na escrita.

Em consonância com essa compreensão, Muniz (2016) também defende que a pontuação deve ser analisada para além de sua dimensão sintática. A autora sustenta que os sinais gráficos exercem funções discursivas, semânticas e interpretativas, organizando a informação, orientando a leitura e contribuindo para a coerência textual e para a construção de sentidos, ao mediar a relação entre escritor e leitor.

As contribuições de Cagliari (1989, 1992, 2007), Chacon (1996), Barbosa (2012, 2019), Massini-Cagliari e Cagliari (2003), Pacheco (2003, 2006, 2017) e Muniz (2016) convergem, portanto, para uma concepção ampliada da pontuação e dos marcadores prosódicos gráficos. Embora partam de objetos específicos e de diferentes perspectivas analíticas, esses autores compartilham a compreensão de que os recursos gráficos da escrita desempenham funções que extrapolam a organização sintática. Em conjunto, seus estudos evidenciam que a pontuação integra um sistema complexo de representação gráfica da prosódia, contribuindo para estruturar o texto, orientar a leitura, organizar o discurso e produzir sentidos.

É precisamente essa perspectiva que orienta a presente investigação. Neste estudo, os MPGs não são concebidos como indicadores de correção ou incorreção da escrita, mas como recursos discursivo-prosódicos mobilizados pelos sujeitos para organizar a progressão textual e orientar a interpretação do leitor. Consequentemente, a análise não se restringe à frequência de ocorrência dos sinais convencionais de pontuação, mas busca compreender as funções que esses recursos desempenham na construção do texto e investigar se outros elementos gráfico-visuais também participam da representação da organização prosódica da escrita.

Essa opção teórico-metodológica possui implicações importantes para a análise das produções textuais de jovens com trissomia do cromossomo 21. Ao deslocar o foco da avaliação normativa para a investigação da funcionalidade discursiva dos recursos gráficos, torna-se possível compreender a escrita em sua complexidade e reconhecer estratégias de organização textual que frequentemente permanecem invisíveis quando a análise se limita à verificação do domínio das convenções ortográficas. Assim, mais do que contabilizar sinais de pontuação, este estudo procura compreender como diferentes recursos são mobilizados para estruturar o discurso, orientar a leitura e produzir sentidos.

2 A ESCRITA NA TRISSOMIA DO CROMOSSOMO 21: ENTRE VULNERABILIDADES ESTRUTURAIS E POTENCIALIDADES DISCURSIVAS

A produção escrita de pessoas com trissomia do cromossomo 21 (T21) tem recebido atenção crescente nos campos da Linguística, da Educação e da Fonoaudiologia, impulsionada pela ampliação das políticas de educação inclusiva e pelo maior acesso dessa população aos diferentes níveis de escolarização. Apesar desse avanço, a maior parte das investigações permanece concentrada na descrição de dificuldades relacionadas ao desenvolvimento cognitivo e linguístico, dedicando menor atenção à escrita como prática discursiva. Em consequência, aspectos como organização textual, construção de sentidos e mobilização de recursos gráfico-discursivos permanecem relativamente pouco explorados, embora sejam fundamentais para compreender como esses sujeitos se apropriam da linguagem escrita.

A trissomia do cromossomo 21 decorre da presença total ou parcial de uma cópia adicional do cromossomo 21 e está associada a particularidades do desenvolvimento neurológico que podem repercutir em diferentes domínios, entre eles a cognição, a linguagem e o desenvolvimento motor (Kozma, 2007; Mustacchi; Salmona, 2008; Oliveira, 2011). Entretanto, essas características não determinam um padrão homogêneo de desenvolvimento. Pesquisas têm demonstrado ampla variabilidade entre indivíduos com T21, resultante da interação entre fatores biológicos, oportunidades de escolarização, experiências de letramento e condições de participação social (Dalla Déa *et al.*, 2009). Essa heterogeneidade inviabiliza interpretações centradas exclusivamente no déficit e reforça a necessidade de compreender o desenvolvimento da linguagem como processo dinâmico, historicamente construído e socialmente mediado.

Essa mudança de perspectiva tem repercussões diretas na investigação da escrita. Durante muitos anos, predominou uma abordagem que enfatizava limitações relacionadas à memória verbal, ao processamento fonológico e à produção morfossintática (Pueschel, 1993; Kozma, 2007). Embora essas vulnerabilidades possam influenciar o desempenho linguístico, elas não explicam, isoladamente, a forma como pessoas com T21 produzem textos em situações reais de comunicação. O desempenho escrito resulta também das experiências de interação, das práticas de letramento e das mediações pedagógicas às quais esses sujeitos têm acesso.

Sob essa perspectiva, a escrita deixa de ser interpretada como simples reflexo de limitações cognitivas e passa a ser compreendida como atividade discursiva. O interesse desloca-se da identificação de erros para a investigação das estratégias mobilizadas pelos escritores na organização do texto, na seleção de recursos linguísticos e na construção dos sentidos. Essa mudança aproxima os estudos sobre T21 de concepções contemporâneas de linguagem, nas quais escrever significa participar de práticas sociais mediadas pela interação e pelo uso funcional da língua.

No campo educacional, essa compreensão encontra respaldo tanto na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), que concebe a produção textual como prática social, quanto na Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015), ao assegurar às pessoas com deficiência condições de participação plena nos processos educativos. Nesse contexto, investigar a escrita de jovens com T21 significa compreender como esses sujeitos se apropriam dos recursos linguísticos disponíveis para produzir textos, e não apenas verificar seu grau de conformidade às convenções normativas.

Os estudos de Schwartzman *et al.* (2007) reforçam essa perspectiva ao demonstrarem que pessoas com T21 podem apresentar dificuldades relacionadas aos aspectos mecânicos da escrita, à ortografia e à estruturação sintática, mas também evidenciam que essas limitações não justificam propostas pedagógicas simplificadas. Ao contrário, os autores defendem que o desenvolvimento da escrita depende da inserção dos estudantes em práticas significativas de leitura e produção textual, nas quais os aspectos formais da língua sejam trabalhados em estreita articulação com a construção de sentidos e com as funções sociais da escrita.

Na mesma direção, Gomes (2014) argumenta que leitores e escritores com T21 constroem percursos próprios de apropriação da linguagem escrita, frequentemente distintos daqueles observados em sujeitos com desenvolvimento típico, mas nem por isso destituídos de coerência ou de intencionalidade comunicativa. Essa compreensão desloca a análise da escrita da lógica da insuficiência para uma perspectiva centrada nas potencialidades linguísticas dos sujeitos e nas estratégias que desenvolvem para participar das práticas de letramento.

É nesse ponto que a presente investigação se diferencia da maior parte dos estudos sobre escrita na T21. Em vez de concentrar-se predominantemente na descrição de limitações estruturais, busca compreender como jovens com T21 organizam discursivamente seus textos por meio da mobilização de marcadores prosódicos gráficos e de outros recursos gráfico-

visuais. Parte-se do pressuposto de que a escrita desses sujeitos deve ser analisada a partir das estratégias efetivamente utilizadas para produzir sentidos, e não apenas da frequência com que empregam os sinais convencionais de pontuação.

3 CAMINHOS DA PESQUISA: OLHAR O TEXTO SEM APAGAR O SUJEITO

A presente investigação adota uma análise quanti-qualitativa de caráter exploratório, articulando a sistematização descritiva das recorrências dos MPGs à análise qualitativo-discursiva de seu funcionamento em produções textuais de jovens com T21 e de jovens com desenvolvimento típico. A adoção dessa abordagem decorre da natureza do objeto investigado, uma vez que a compreensão do funcionamento dos MPGs exige considerar, simultaneamente, sua frequência e diversidade no corpus e os aspectos interpretativos relacionados às funções discursivo-prosódicas desempenhadas por esses recursos na organização da escrita. Assim, a contagem das ocorrências, o cálculo de sua distribuição percentual e sua apresentação em tabelas e gráficos cumprem uma função estritamente descritiva e organizadora, oferecendo suporte visual à análise qualitativo-discursiva, por meio da qual se busca compreender como esses recursos participam da construção de sentidos, da segmentação textual e da orientação da leitura.

Considerando a dimensão reduzida do corpus, esses dados não foram submetidos a testes de significância estatística e não se destinam a sustentar inferências ou generalizações para além do conjunto de produções analisado. As frequências e os percentuais apresentados devem, portanto, ser compreendidos como indicadores exploratórios das recorrências observadas, cuja interpretação se realiza em articulação com a análise situada das produções textuais.

Os dados apresentados neste artigo integram uma pesquisa mais ampla desenvolvida pelas autoras sobre as relações entre prosódia e escrita. Para este estudo, foi constituído um corpus composto por oito produções textuais livres elaboradas por jovens com idades entre 17 e 22 anos, produzidas a partir do comando de escrita "**Conte uma história**". A escolha de uma proposta de produção aberta fundamenta-se na intenção de observar o funcionamento espontâneo da escrita, evitando que o comando induzisse o emprego de sinais específicos de pontuação ou favorecesse determinadas estruturas textuais. Dessa forma, buscou-se criar

condições para que os participantes mobilizassem, de maneira autônoma, os recursos gráfico-discursivos considerados necessários para organizar seus textos.

Os participantes foram distribuídos em dois grupos: o G1, composto por quatro jovens com T21 matriculados nas atividades do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Síndrome de Down – Saber Down, projeto de extensão vinculado à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), coordenado pela segunda autora deste artigo, e o G2, formado por quatro jovens com desenvolvimento típico e perfil etário semelhante. Em ambos os grupos, dois participantes cursavam o Ensino Médio e dois já haviam concluído a Educação Básica, o que assegurou equivalência quanto à distribuição escolar formal. Contudo, não houve pareamento individual nem controle específico do nível de letramento funcional. Desse modo, embora a composição dos grupos possibilite a comparação das produções textuais, a equivalência escolar não assegura, por si só, níveis semelhantes de apropriação da leitura e da escrita, dadas as diferentes trajetórias e experiências de letramento dos participantes.

A constituição do corpus privilegiou a análise da escrita em situação de produção relativamente espontânea, compreendendo que a organização textual emerge da interação entre conhecimentos linguísticos, experiências de letramento e condições concretas de produção. Consequentemente, o interesse da investigação não incidiu sobre o domínio isolado de regras gramaticais, mas sobre os recursos empregados pelos participantes para organizar o discurso escrito e orientar o leitor durante a construção dos sentidos.

Com base nos pressupostos teóricos apresentados anteriormente, foram selecionados para análise sete marcadores prosódicos gráficos reconhecidos pela literatura como recursos de representação gráfica da prosódia: ponto final, vírgula, dois-pontos, travessão, ponto de exclamação, ponto de interrogação e reticências (Cagliari, 1989, 2007; Chacon, 1996; Pacheco, 2003, 2006, 2017). Esses sinais constituíram o conjunto principal de MPGs investigados por representarem diferentes possibilidades de segmentação textual, organização informacional e orientação prosódica da leitura.

Entretanto, considerando a concepção ampliada de marcadores prosódicos gráficos adotada neste estudo, a análise não se restringiu aos sinais convencionais de pontuação. Também foram identificados e descritos outros recursos gráfico-visuais presentes nas produções, entre eles o uso de letras maiúsculas em posição inicial, recuos de parágrafo, quebras de linha, agrupamentos temáticos, marcas explícitas de encerramento textual e demais elementos capazes de contribuir para a organização discursiva do texto. A inclusão desses

recursos fundamenta-se na compreensão de que a representação gráfica da prosódia pode ocorrer por meio de diferentes estratégias visuais que orientam o leitor, ainda que não correspondam aos sinais tradicionalmente descritos pelas gramáticas normativas.

A análise desenvolveu-se em três níveis complementares. O primeiro concentrou-se no repertório de marcadores prosódicos gráficos mobilizados pelos participantes, buscando identificar quais recursos foram efetivamente empregados em cada grupo. O segundo correspondeu à análise da frequência de ocorrência desses marcadores, permitindo descrever quantitativamente diferenças e aproximações entre os grupos investigados. O terceiro nível consistiu na análise da funcionalidade discursivo-prosódica dos recursos identificados, examinando as funções desempenhadas pelos marcadores na segmentação do texto, na organização da progressão temática, na introdução de vozes, na orientação da leitura e na produção de efeitos expressivos.

Essa organização analítica decorre do entendimento de que quantidade e funcionalidade constituem dimensões distintas da escrita. A presença de elevado número de sinais de pontuação não garante, por si só, sua utilização como recurso de organização discursiva. De modo semelhante, produções que apresentam baixa frequência de pontuação convencional podem mobilizar outros mecanismos capazes de estruturar o texto e orientar o leitor. Por essa razão, evitou-se adotar categorias analíticas fundamentadas exclusivamente em critérios de correção normativa. Em consonância com os pressupostos teóricos de Cagliari (1989, 2007), Chacon (1996) e Pacheco (2003, 2006, 2017), os marcadores prosódicos gráficos foram analisados segundo as funções que desempenham na representação da prosódia, na organização do discurso e na construção dos sentidos.

Essa perspectiva metodológica permitiu ampliar o alcance interpretativo da investigação. Em vez de restringir a análise à identificação de usos considerados corretos ou incorretos segundo a norma-padrão, buscou-se compreender os modos pelos quais os participantes organizam seus textos e constroem relações entre diferentes segmentos discursivos. Particular atenção foi dedicada às estratégias gráfico-visuais empregadas pelos jovens com T21, considerando que a baixa frequência de marcadores prosódicos gráficos convencionais não implica, necessariamente, ausência de planejamento textual ou de organização discursiva.

Para preservar a identidade dos participantes, todos os excertos utilizados na análise foram submetidos a procedimentos de anonimização. Sempre que possível, manteve-se

integralmente a materialidade linguística das produções, incluindo segmentação, grafia e usos de pontuação relevantes para os objetivos da pesquisa. As poucas intervenções realizadas restringiram-se à substituição de nomes próprios ou outras informações capazes de permitir a identificação dos sujeitos, sendo tais alterações indicadas entre colchetes.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, sob CAAE nº 80875824.0.0000.0055 e Parecer Consubstanciado nº 6.959.097. Todos os participantes maiores de idade assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Adicionalmente, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi assinado pelos responsáveis legais de todos os participantes, em conformidade com a legislação vigente.

Na próxima seção são apresentados e discutidos os resultados obtidos.

4 MARCADORES PROSÓDICOS GRÁFICOS E ORGANIZAÇÃO PROSÓDICO-DISCURSIVA DA ESCRITA DE ESTUDANTES COM E SEM T21

A análise das produções textuais foi orientada pela compreensão de que os marcadores prosódicos gráficos desempenham funções que ultrapassam a simples segmentação sintática, constituindo recursos relevantes para a organização discursiva da escrita e para a orientação da leitura. Em consonância com a perspectiva teórica adotada neste estudo, procurou-se compreender não apenas a frequência de ocorrência dos sinais de pontuação, mas também os modos pelos quais esses recursos participam da estruturação do texto e da construção de sentidos. Nessa direção, a análise foi organizada em quatro dimensões complementares: (i) repertório de marcadores prosódicos gráficos mobilizados pelos participantes; (ii) frequência de ocorrência desses recursos; (iii) funcionalidade discursivo-prosódica dos marcadores empregados; e (iv) estratégias gráfico-visuais utilizadas para organizar a escrita quando a pontuação convencional se apresenta de forma reduzida.

Essa organização analítica decorre do entendimento de que a simples quantificação dos sinais de pontuação não é suficiente para explicar os processos envolvidos na produção textual. Dois participantes podem empregar número semelhante de marcadores prosódicos gráficos e, ainda assim, utilizá-los de maneiras significativamente distintas quanto às funções desempenhadas na organização do discurso. Da mesma forma, produções que apresentam baixa frequência de pontuação convencional podem revelar outras estratégias de segmentação

textual e orientação da leitura. Assim, as análises quantitativas e qualitativas foram articuladas de modo a permitir uma compreensão mais ampla dos processos de apropriação dos recursos prosódico-gráficos na escrita.

4.1 REPERTÓRIO E FREQUÊNCIA DOS MARCADORES PROSÓDICOS GRÁFICOS

A primeira dimensão investigada refere-se ao repertório de marcadores prosódicos gráficos mobilizados pelos participantes. Mais do que identificar a presença ou ausência de determinados sinais de pontuação, interessou compreender a diversidade de recursos convencionais empregados pelos dois grupos para organizar seus textos. A diversidade do repertório constitui um aspecto relevante porque amplia as possibilidades de segmentação do discurso, de representação gráfica da prosódia e de orientação do leitor durante a interpretação do texto.

Os dados apresentados na **Tabela 1** evidenciam diferenças expressivas entre os grupos quanto ao conjunto de marcadores prosódicos gráficos empregados. Enquanto os participantes com desenvolvimento típico mobilizaram cinco dos sete marcadores previamente definidos para a análise, os jovens com T21 utilizaram apenas dois: ponto final e vírgula. Nenhum dos grupos empregou ponto de interrogação ou reticências nas produções analisadas.

Tabela 1 – Tipo e Ocorrência de Marcadores prosódicos gráficos por grupo.

MPG analisado	G1	G2
Ponto final	✓	✓
Vírgula	✓	✓
Dois-pontos	X	✓
Travessão	X	✓
Exclamação	X	✓
Interrogação	X	X
Reticências	X	X

Fonte: elaboração própria das autoras.

A diferença observada entre os grupos não deve ser interpretada apenas como redução quantitativa do repertório disponível. O emprego de maior diversidade de marcadores amplia as possibilidades de representação das relações discursivas presentes no texto, permitindo introduzir falas de personagens, organizar explicações, produzir efeitos expressivos, indicar mudanças enunciativas e orientar diferentes modos de leitura. Sob essa perspectiva, a

diversidade de MPGs constitui um indicador importante da ampliação dos recursos mobilizados pelos escritores para organizar o discurso escrito, e não apenas do domínio de convenções ortográficas.

Esses resultados dialogam diretamente com a concepção de marcadores prosódicos gráficos defendida por Cagliari (1989, 2007) e Pacheco (2003, 2006, 2017), segundo a qual a pontuação participa da representação gráfica da prosódia e da construção dos sentidos. Quanto maior o repertório de recursos disponíveis ao escritor, maiores tendem a ser as possibilidades de organizar diferentes relações discursivas e orientar a realização prosódica da leitura.

A análise da frequência de ocorrência dos marcadores reforça essa tendência. Conforme apresentado na Tabela 2, foram registradas apenas seis ocorrências de MPGs convencionais nas produções do G1, distribuídas entre ponto final e vírgula. No G2, por sua vez, identificaram-se setenta e uma ocorrências, distribuídas entre cinco tipos distintos de marcadores, além da utilização de aspas e parênteses, recursos que não integravam o protocolo inicial de análise, mas que também desempenharam funções relevantes na organização discursiva dos textos.

Tabela 2 – Frequência e diversidade de MPGs por grupo

Grupo	Total de MPGs	Tipos de MPGs mobilizados
G1	6	2 tipos: vírgula e ponto final
G2	71	5 tipos: ponto final, vírgula, exclamação, dois-pontos e travessão
	4	2 tipos: aspas e parênteses (não previstos no protocolo de análise)

Fonte: elaboração própria das autoras.

A diferença quantitativa observada entre os grupos evidencia distintos níveis de convencionalização da pontuação na escrita. Entretanto, limitar a interpretação desses resultados à simples constatação de que um grupo utilizou mais sinais que o outro significaria reduzir a complexidade do fenômeno investigado. Os dados quantitativos indicam tendências importantes, mas não esclarecem, por si sós, de que maneira esses recursos foram empregados nem quais funções desempenharam na organização dos textos.

Nesse sentido, a frequência de ocorrência deve ser compreendida como um indicador inicial dos processos de apropriação da escrita, e não como evidência suficiente para caracterizar a qualidade da produção textual. Como discutido anteriormente, os marcadores prosódicos gráficos constituem recursos de natureza funcional e discursiva. Consequentemente, compreender sua participação na construção dos sentidos exige examinar

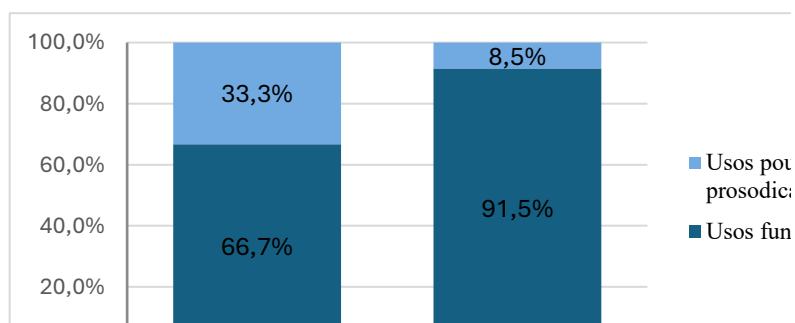
também os contextos em que aparecem, as relações que estabelecem entre segmentos textuais e os efeitos produzidos durante a leitura. É essa dimensão funcional que será discutida na subseção seguinte.

4.2 FUNCIONALIDADE DISCURSIVO-PROSÓDICA DOS MARCADORES PROSÓDICOS GRÁFICOS

Os resultados quantitativos apresentados na seção anterior evidenciaram diferenças expressivas entre os grupos quanto ao repertório e à frequência de emprego dos marcadores prosódicos gráficos. Entretanto, tais diferenças não permitem compreender, por si sós, o papel desempenhado por esses recursos na organização dos textos produzidos pelos participantes. Como discutido ao longo da fundamentação teórica, os MPGs não constituem apenas sinais convencionais de pontuação, mas recursos que organizam a progressão discursiva, orientam a realização prosódica da leitura e contribuem para a construção dos sentidos. Assim, compreender seu funcionamento exige deslocar o foco da quantidade para a funcionalidade, investigando de que maneira esses recursos são efetivamente mobilizados pelos escritores.

Nessa perspectiva, cada ocorrência de marcador prosódico gráfico foi analisada segundo sua contribuição para a organização textual e para a orientação da leitura. Consideraram-se funcionais os usos que favoreceram a delimitação de unidades de sentido, a segmentação do discurso, a introdução de vozes, a marcação de relações sintático-discursivas ou a produção de efeitos pragmáticos e expressivos. Em contrapartida, foram classificados como de baixa funcionalidade os empregos que, embora evidenciassem tentativa de utilização da pontuação, produziam segmentações incompatíveis com a organização informacional do enunciado, dificultando sua interpretação. Os resultados dessa análise encontram-se sintetizados no **Gráfico 1**.

Gráfico 1 – Funcionalidade dos marcadores prosódicos gráficos empregados por grupo



Fonte: elaboração própria das autoras.

A análise evidencia diferenças qualitativas entre os grupos. Entre os participantes com T21, **66,7%** dos marcadores empregados desempenharam funções consideradas adequadas à organização discursiva do texto, enquanto **33,3%** apresentaram baixa funcionalidade. No grupo com desenvolvimento típico, por sua vez, **91,5%** das ocorrências foram classificadas como funcionais, restando apenas **8,5%** de usos pouco funcionais.

À primeira vista, esses resultados poderiam sugerir apenas maior domínio da pontuação convencional pelos participantes do G2. Todavia, uma interpretação fundamentada exclusivamente na lógica da correção normativa reduziria significativamente o alcance analítico dos dados. Mais do que indicar diferentes níveis de domínio das convenções ortográficas, os resultados revelam distintos modos de apropriação dos recursos prosódico-gráficos da escrita. Em outras palavras, as diferenças observadas dizem respeito não apenas ao conhecimento das regras de pontuação, mas, sobretudo, às formas pelas quais esses recursos são incorporados aos processos de organização discursiva do texto.

Essa distinção possui implicações importantes para a compreensão da escrita. Um texto pode apresentar elevada frequência de sinais de pontuação e, ainda assim, utilizá-los de maneira pouco produtiva do ponto de vista discursivo. Da mesma forma, produções que empregam poucos marcadores convencionais podem revelar significativo investimento na organização textual por meio de outros recursos gráficos. Assim, a funcionalidade dos MPGs constitui um critério analítico mais consistente do que sua simples frequência de ocorrência, pois permite compreender como esses elementos participam efetivamente da construção dos sentidos.

Os resultados obtidos corroboram as proposições de Chacon (1996) e Pacheco (2017), segundo as quais a pontuação deve ser compreendida como um recurso de organização discursivo-prosódica da escrita. Quando empregados de forma funcional, os marcadores orientam a leitura, delimitam fronteiras informacionais, distribuem o ritmo textual e contribuem para a interpretação dos enunciados. Nesses casos, a pontuação deixa de operar apenas como convenção gráfica e passa a integrar o conjunto de mecanismos responsáveis pela arquitetura discursiva do texto.

Entre os participantes do G1 foram identificadas ocorrências em que o ponto final delimitava adequadamente episódios narrativos e encerrava unidades relativamente completas de sentido. Também foram observados usos da vírgula que, embora nem sempre coincidissem integralmente com a norma-padrão, evidenciavam tentativas de segmentar informações e

organizar o fluxo discursivo. Esses resultados sugerem que os jovens com T21 reconhecem, ao menos parcialmente, determinadas funções atribuídas aos marcadores prosódicos gráficos, mobilizando-os como recursos de organização textual ainda que de forma menos sistemática.

Por outro lado, mesmo entre os participantes do G2 foram registradas ocorrências cuja funcionalidade mostrou-se limitada. Um exemplo representativo encontra-se na produção de S4G2:

Excerto 1 – S4G2

"Já que, os ratinhos do campo vivia uma vida diferente [...]."

Nesse trecho, a vírgula separa a locução conjuntiva **"já que"** da oração causal que ela introduz. Embora o participante demonstre conhecimento do emprego da vírgula como recurso de segmentação, sua utilização produz uma interrupção que não corresponde à organização sintático-discursiva do enunciado. Do ponto de vista prosódico, a pausa sugerida pelo sinal cria uma fronteira informacional artificial, comprometendo a continuidade da relação causal estabelecida entre os segmentos.

É importante ressaltar, contudo, que ocorrências como essa não foram interpretadas neste estudo como simples desvios em relação à norma gramatical. Em consonância com a perspectiva adotada ao longo deste trabalho, entende-se que tais usos constituem indícios dos processos de construção do conhecimento linguístico pelos participantes. Como argumentam Cagliari (2007), Cohen *et al.* (2001) e Pacheco (2017), a análise dos marcadores prosódicos gráficos deve privilegiar sua participação na construção do discurso, e não apenas sua adequação às convenções normativas. Assim, mesmo usos não convencionais revelam hipóteses elaboradas pelos escritores acerca do funcionamento da escrita e fornecem informações relevantes sobre os processos de apropriação dos recursos prosódico-discursivos.

Sob essa perspectiva, os dados apresentados até aqui conduzem a uma questão que se revela central para esta investigação: como os participantes organizam seus textos quando os marcadores prosódicos gráficos convencionais são utilizados de forma reduzida? A resposta a essa pergunta exige deslocar a análise da pontuação convencional para outros mecanismos de organização textual empregados pelos escritores. É precisamente essa discussão que será desenvolvida na próxima subseção, dedicada às estratégias gráfico-visuais mobilizadas pelos jovens com T21 para estruturar seus textos e orientar a leitura.

4.3 ESTRATÉGIAS GRÁFICO-VISUAIS E ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA DA ESCRITA DE JOVENS COM T21

A análise da funcionalidade dos marcadores prosódicos gráficos evidenciou que a menor frequência de sinais convencionais de pontuação não corresponde, necessariamente, à ausência de organização textual. Ao contrário, as produções do G1 revelam que os participantes recorrem a diferentes recursos gráfico-visuais para estruturar seus textos, segmentar informações e orientar a leitura. Esse resultado desloca o foco analítico da simples presença ou ausência de sinais de pontuação para a investigação das estratégias efetivamente mobilizadas pelos sujeitos na construção do discurso escrito.

Essa constatação possui importantes implicações teóricas. Quando a escrita é analisada exclusivamente sob a perspectiva normativa, a baixa frequência de pontuação tende a ser interpretada como evidência de insuficiente domínio das convenções gráficas. Entretanto, sob uma perspectiva discursivo-prosódica, torna-se necessário investigar de que maneira os sujeitos organizam seus textos mesmo quando a pontuação convencional aparece de forma reduzida. Nesse sentido, a análise do corpus permitiu identificar um conjunto de recursos gráfico-visuais que desempenham funções relacionadas à segmentação textual, à organização da progressão discursiva e à orientação da leitura.

Os dados sintetizados na Tabela 3 mostram que todos os participantes do G1 utilizaram, em diferentes combinações, recursos como letras maiúsculas em posição inicial, quebras de linha, recuos de parágrafo, agrupamentos temáticos e, em um dos casos, marca explícita de encerramento narrativo por meio da palavra **"Fim."**.

Tabela 3 – Estratégias gráficas alternativas empregadas pelos participantes do G1

Participante	Inicial maiúscula	Recuo em parágrafos	Quebras de linha	Blocos temáticos	Encerramento ("Fim")
S1G1	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
S2G1	Sim	Não	Sim	Não	Não
S3G1	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
S4G1	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Fonte: elaboração própria das autoras.

Embora esses recursos não integrem o conjunto de marcadores prosódicos gráficos convencionalmente descritos pelas gramáticas, sua recorrência nas produções analisadas sugere que eles desempenham funções relevantes na organização da escrita. As quebras de

linha estabelecem fronteiras entre segmentos discursivos; os recuos delimitam novas unidades temáticas; o emprego de letras maiúsculas sinaliza o início de novos blocos informacionais; e a palavra "Fim" indica explicitamente o encerramento da narrativa. Em conjunto, esses elementos revelam uma preocupação com a estrutura global do texto e com a orientação do leitor, ainda que tal organização não se realize prioritariamente por meio da pontuação convencional.

Esses resultados dialogam diretamente com a concepção ampliada de marcadores prosódicos gráficos proposta por Pacheco (2017), segundo a qual diferentes recursos visuais podem fornecer instruções prosódicas ao leitor. Ao reconhecer que a organização espacial do texto também participa da representação gráfica da prosódia, essa perspectiva permite compreender as estratégias observadas no G1 não como soluções improvisadas ou desvios em relação à norma, mas como formas de organização discursiva que respondem à necessidade de estruturar a progressão textual.

Essa interpretação desloca significativamente o olhar sobre a escrita de jovens com T21. Em vez de enfatizar exclusivamente aquilo que esses sujeitos ainda não realizam segundo os padrões convencionais da escrita, torna-se possível reconhecer os recursos que efetivamente mobilizam para construir sentidos. Sob essa perspectiva, a análise deixa de estar orientada pela lógica da ausência para concentrar-se nas estratégias presentes nas produções textuais. Esse deslocamento é particularmente importante porque permite compreender a escrita como atividade em desenvolvimento, na qual diferentes mecanismos podem desempenhar funções semelhantes na organização do discurso. O excerto 2 ilustra esse movimento.

Excerto 2 – S1G1

*"[NOME] [NOME] amor
casamento de um e [NOME] para pede voce Eu te amo voce vou fala a verdade Eu
Estou grávida de voce.
Voce e para ba papa
Eu vo te 1 um bebe
Eu te amo [NOME]"*

À primeira vista, a produção chama atenção pela reduzida presença de sinais de pontuação. Entretanto, uma leitura mais atenta evidencia que o texto apresenta progressão temática relativamente estável e organiza uma sequência narrativa centrada em um episódio afetivo envolvendo uma declaração de amor e o anúncio de uma gravidez. Há interlocutores claramente identificáveis, manutenção do tópico discursivo e encadeamento das informações

ao longo da narrativa. Em outras palavras, a construção dos sentidos ocorre mesmo com reduzida utilização dos marcadores prosódicos gráficos convencionais.

Do ponto de vista prosódico, observa-se que expressões como "**Eu te amo**", "**vou falar a verdade**" e "**Estou grávida de você.**" aparecem sucessivamente, sem a presença de sinais gráficos que orientem explicitamente o fraseamento. Nessas condições, parte do trabalho de segmentação passa a ser realizada pelo próprio leitor, que precisa reconstruir as fronteiras informacionais a partir da organização semântica do texto. Isso não significa ausência de estruturação discursiva; ao contrário, revela que a organização textual está apoiada predominantemente na progressão temática e na coerência global da narrativa, e não na utilização sistemática da pontuação convencional.

Sob essa perspectiva, a principal dificuldade observada não reside na elaboração da narrativa, mas na representação gráfica dos limites prosódicos entre os diferentes segmentos do discurso. Tal resultado reforça a compreensão de que a apropriação dos marcadores prosódicos gráficos constitui um processo gradual e relativamente independente da capacidade de construir significados por meio da escrita. O excerto 3 amplia essa discussão.

Excerto 3 – S4G1

"Romance

*.Bom eu só [NOME] eu tenho irmã favorita [NOME] é bonita inteligente e
estudado e gosta de viajar ao mundo [...]*

eu estou muito feliz [...]

Fim."

Esse texto evidencia um aspecto particularmente interessante do corpus. O participante demonstra reconhecer elementos constitutivos da organização narrativa global antes mesmo de dominar plenamente o emprego funcional da pontuação interna. A escolha de um título, o recuo inicial, a distribuição do texto em blocos e a utilização da palavra "**Fim.**" indicam conhecimento da macroestrutura do gênero narrativo e revelam preocupação em sinalizar ao leitor o início e o encerramento da história.

O uso do ponto antes da palavra "**Bom**", entretanto, sugere que o participante reconhece o sinal gráfico como elemento pertencente ao universo da escrita, embora ainda não tenha consolidado plenamente sua função discursivo-prosódica. Esse tipo de ocorrência não deve ser interpretado como simples erro de pontuação. Pelo contrário, constitui evidência de que o sujeito formula hipóteses sobre o funcionamento da escrita e busca incorporá-las à

sua produção textual. Sob essa perspectiva, a pontuação aparece como conhecimento em processo de construção, e não como competência simplesmente presente ou ausente.

Mais importante ainda é observar que, apesar da limitação no emprego dos MPGs convencionais, o participante organiza sua narrativa por meio de outros mecanismos gráficos que orientam a leitura e estruturam o texto. Esse resultado reforça a hipótese central desta pesquisa: a menor frequência de pontuação convencional não corresponde à ausência de organização discursiva, mas à mobilização de estratégias distintas de representação gráfica da estrutura textual.

Em conjunto, os excertos analisados sugerem que os jovens com T21 constroem formas próprias de organizar a escrita, recorrendo a recursos que lhes permitem segmentar informações, estabelecer progressão temática e orientar a interpretação do leitor. Tais estratégias não substituem integralmente as funções desempenhadas pelos marcadores prosódicos gráficos convencionais; entretanto, evidenciam que a produção textual desses sujeitos não pode ser compreendida exclusivamente a partir da lógica da deficiência ou da ausência. Ao contrário, revelam processos ativos de apropriação da escrita, nos quais diferentes recursos são mobilizados para cumprir funções discursivas semelhantes.

4.4 ENTRE A PONTUAÇÃO CONVENCIONAL E A ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA: ANÁLISE COMPARATIVA DOS GRUPOS

A análise das produções dos dois grupos evidencia que as diferenças observadas não podem ser reduzidas à maior ou menor frequência de marcadores prosódicos gráficos. Embora os participantes com desenvolvimento típico tenham mobilizado repertório mais amplo e maior número de sinais convencionais de pontuação, a principal distinção entre os grupos reside na forma como esses recursos participam da organização discursiva da escrita. Enquanto os textos do G2 revelam maior convencionalização dos marcadores prosódicos gráficos como instrumentos de segmentação, estruturação narrativa e orientação da leitura, os participantes do G1 recorrem mais frequentemente a estratégias gráfico-visuais alternativas para cumprir funções semelhantes.

Essa diferença torna-se particularmente evidente quando se analisam os excertos produzidos pelos participantes do G2. Nesses textos, a pontuação não desempenha apenas funções de delimitação sintática; ela integra a construção da narrativa, organiza a alternância

entre vozes, orienta o ritmo da leitura e contribui para a produção de efeitos expressivos. Em outras palavras, observa-se maior integração entre a organização prosódica e a organização discursiva da escrita, aproximando o funcionamento dos marcadores prosódicos gráficos das funções descritas por Cagliari (1989, 2007), Chacon (1996) e Pacheco (2003, 2006, 2017). Como se pode verificar no excerto 4.

Excerto 4 – S2G2

"Coração há um milhão de batidas por segundo, três competidoras, os jurados, a passarela. Aquele era definitivamente 'O meu momento!', desfilei como as modelos da Victoria's Secret (pelo menos na minha cabeça), não existia vergonha ou timidez alguma em mim."

Nesse trecho, observa-se a articulação de diferentes recursos gráficos na construção da progressão narrativa. A enumeração inicial é organizada por meio de vírgulas que distribuem ritmicamente as informações e criam expectativa em torno da cena descrita. Em seguida, o ponto final estabelece uma fronteira discursiva entre a sequência descritiva e a avaliação subjetiva da narradora, reorganizando o foco da narrativa. As aspas conferem destaque à expressão "**O meu momento!**", atribuindo-lhe valor enfático, enquanto o ponto de exclamação intensifica a expressividade do enunciado. Por sua vez, os parênteses introduzem um comentário metadiscursivo que aproxima narradora e leitor, produzindo efeito de cumplicidade e humor.

Mais do que representar corretamente convenções de pontuação, esses recursos participam da construção dos efeitos de sentido do texto. Cada marcador atua simultaneamente na organização sintática, na orientação prosódica da leitura e na construção da expressividade narrativa. A pontuação deixa de funcionar apenas como mecanismo de separação entre segmentos e passa a integrar o próprio processo de significação, confirmando a compreensão de que os marcadores prosódicos gráficos constituem recursos discursivo-prosódicos de organização textual. Essa articulação torna-se ainda mais evidente no quinto excerto.

Excerto 5 – S3G2

*"No entanto, um dia Larinha ficou nervosa e rebateu as ofensas dele:
– Caio, por favor me deixe em paz!"*

Nesse fragmento, observa-se a utilização integrada de diferentes marcadores prosódicos gráficos para organizar a alternância entre narrador e personagem. Os dois-pontos funcionam como marcador de transição discursiva, preparando o leitor para a inserção da fala

direta (Chacon, 1996). O travessão introduz a mudança de voz enunciativa (Cagliari, 1989; Chacon, 1996), enquanto a vírgula delimita o vocativo, organizando internamente o enunciado produzido pela personagem (Muniz, 2016). Finalmente, o ponto de exclamação orienta a realização prosódica da leitura ao indicar intensidade emocional compatível com a situação narrada (Pacheco, 2003, 2006).

O interesse analítico desse trecho reside justamente na articulação entre diferentes recursos gráficos em torno de uma mesma finalidade discursiva. Não se trata da utilização isolada de sinais de pontuação, mas da construção de um sistema integrado de instruções que organiza a leitura, diferencia vozes narrativas e produz efeitos de expressividade. Sob essa perspectiva, confirma-se a proposição de Pacheco (2017) segundo a qual os marcadores prosódicos gráficos orientam a realização prosódica da leitura e contribuem para a reconstrução das intenções comunicativas presentes na escrita.

Entretanto, a comparação entre os grupos revela que as diferenças identificadas não correspondem à oposição entre presença e ausência de organização textual. O que distingue as produções analisadas é, sobretudo, o grau de convencionalização dos recursos empregados para estruturar o discurso escrito. Enquanto os participantes do G2 recorrem predominantemente aos MPGs previstos pelo sistema convencional da escrita, os jovens com T21 mobilizam com maior frequência recursos gráfico-visuais que também organizam a progressão textual, embora nem sempre correspondam às convenções ortográficas estabelecidas.

Essa constatação permite reinterpretar os resultados apresentados ao longo deste estudo. A menor frequência de marcadores prosódicos gráficos observada no G1 não pode ser compreendida como simples ausência de organização discursiva. Ao contrário, os dados indicam que esses participantes desenvolvem formas próprias de estruturar seus textos, recorrendo a diferentes estratégias para segmentar informações, delimitar episódios narrativos e orientar o leitor. Ainda que tais estratégias não substituam integralmente as funções desempenhadas pela pontuação convencional, elas evidenciam processos ativos de construção da escrita e demonstram que a produção textual desses sujeitos não pode ser analisada exclusivamente a partir da lógica do déficit.

Essa interpretação amplia significativamente o alcance dos resultados obtidos. Em vez de concluir que os jovens com T21 utilizam menos pontuação, o estudo demonstra que eles organizam discursivamente seus textos por meio de recursos parcialmente distintos daqueles

empregados pelos participantes com desenvolvimento típico. Tal constatação desloca a análise da verificação da correção normativa para a investigação das estratégias efetivamente mobilizadas pelos sujeitos na construção da escrita, aproximando esta pesquisa de perspectivas contemporâneas que concebem o letramento como prática social e a escrita como atividade discursiva.

Em conjunto, as análises desenvolvidas nesta seção permitem afirmar que os marcadores prosódicos gráficos desempenham papel relevante na organização da escrita, mas também evidenciam que sua baixa frequência não implica, necessariamente, ausência de planejamento textual ou incapacidade de produzir sentidos. Os resultados sugerem que diferentes recursos gráfico-discursivos podem participar da representação da organização prosódica da escrita, indicando que a apropriação desses mecanismos ocorre de maneira gradual, heterogênea e profundamente relacionada às experiências de letramento vivenciadas pelos sujeitos pesquisados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo investigou o emprego de marcadores prosódicos gráficos em produções textuais de jovens com e sem trissomia do cromossomo 21, tomando como referência uma perspectiva que compreende a pontuação como recurso de organização prosódico-discursiva da escrita. Ao articular análises quantitativas e qualitativas, buscou-se compreender a frequência e a diversidade desses marcadores, mas, sobretudo, as funções que desempenham na organização textual e as estratégias mobilizadas pelos participantes para orientar a leitura e construir sentidos.

Os resultados confirmam que os jovens com T21 recorrem a um repertório menos diversificado de marcadores prosódicos gráficos convencionais quando comparados aos participantes com desenvolvimento típico. Entretanto, a principal contribuição deste estudo não reside nessa constatação quantitativa. O aspecto mais relevante evidenciado pelas análises consiste em demonstrar que a organização da escrita não depende exclusivamente do domínio dos sinais convencionais de pontuação. Mesmo empregando menor variedade de marcadores, os participantes com T21 mobilizaram diferentes estratégias gráfico-discursivas para segmentar informações, estruturar episódios narrativos e orientar a interpretação do leitor.

Essa constatação desloca a interpretação da escrita de uma perspectiva centrada na insuficiência para uma abordagem orientada pelos processos de construção da linguagem. Em vez de compreender a baixa frequência de marcadores prosódicos gráficos como simples indicador de limitação linguística, os resultados sugerem que esses sujeitos constroem formas próprias de organizar discursivamente seus textos, mobilizando recursos compatíveis com suas experiências de letramento e com seu percurso de apropriação da escrita.

Sob essa perspectiva, este estudo amplia a discussão proposta por Cagliari (1989, 1992, 2007) e Pacheco (2003, 2006, 2017) ao evidenciar que a representação gráfica da prosódia não pode ser analisada exclusivamente pela presença ou ausência de sinais convencionais de pontuação. A análise das produções textuais demonstra que diferentes recursos gráfico-visuais também participam da organização prosódico-discursiva da escrita, permitindo compreender a produção textual para além da lógica normativa que tradicionalmente orienta os estudos sobre pontuação.

A principal contribuição teórica da pesquisa consiste, portanto, em propor que a análise da escrita de jovens com trissomia do cromossomo 21 seja orientada pela funcionalidade dos recursos mobilizados na organização do texto, e não apenas pelo grau de conformidade às convenções ortográficas. Esse deslocamento amplia as possibilidades de investigação sobre linguagem, escrita e inclusão, ao reconhecer que diferentes estratégias podem desempenhar funções equivalentes na construção dos sentidos e na representação gráfica da organização prosódica da linguagem.

Do ponto de vista educacional, os resultados reforçam a necessidade de práticas pedagógicas que compreendam a pontuação como recurso discursivo e não apenas como objeto de ensino normativo. Em contextos inclusivos, essa perspectiva possibilita valorizar as estratégias já desenvolvidas pelos estudantes e utilizá-las como ponto de partida para a ampliação gradual do repertório de marcadores prosódicos gráficos convencionais, favorecendo processos de ensino mais responsivos às formas pelas quais esses sujeitos constroem a escrita.

Como toda investigação, este estudo apresenta limitações. O reduzido número de participantes e a análise de um único gênero textual recomendam cautela quanto à generalização dos resultados. Além disso, a pesquisa concentrou-se em produções escritas elaboradas em situação específica de coleta, não contemplando outras práticas de letramento que poderiam ampliar a compreensão do fenômeno investigado.

Essas limitações, entretanto, também apontam caminhos para pesquisas futuras. Estudos que envolvam diferentes gêneros discursivos, faixas etárias, níveis de escolarização e contextos de produção escrita poderão aprofundar a compreensão dos processos de organização prosódico-discursiva da escrita em pessoas com T21, bem como investigar de que modo esses recursos se desenvolvem ao longo da escolarização e das experiências de letramento.

Por fim, espera-se que os resultados aqui apresentados contribuam para fortalecer os estudos sobre prosódia, escrita e inclusão, oferecendo evidências de que a análise da produção escrita de jovens com trissomia do cromossomo 21 pode ser enriquecida quando desloca o foco da identificação de déficits para a compreensão das estratégias linguísticas efetivamente mobilizadas pelos sujeitos na construção de sentidos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Plínio A. Conhecendo melhor a prosódia: aspectos teóricos e metodológicos daquilo que molda nossa enunciação. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 11-27, jan./jun. 2012. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.20.1.11-27>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/28640>. Acesso em: 30 jun. 2026.
- BARBOSA, Plínio A. **Prosódia**. São Paulo: Parábola, 2019.
- BISSOTO, Maria Luísa. Desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de síndrome de Down: revendo concepções e perspectivas educacionais. **Ciência & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 80-89, 2005.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.
- BRASIL. Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência: Estatuto da Pessoa com Deficiência. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 152, n. 127, p. 2-11, 7 jul. 2015. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2015/lei-13146-6-julho-2015-781174-norma-actualizada-pl.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2026.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Marcadores prosódicos na escrita. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 18., 1989, Lorena. **Anais do XVIII Seminário do GEL**. Lorena: Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, 1989. p. 195-203.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 23, p. 137-151, jul./dez. 1992.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Prosódia: ontem e hoje. In: FONSECA-SILVA, M. da C.o; PACHECO, V.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. (org.). **Em torno da língua(gem): questões e análises**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007. p. 15-40.
- CHACON, Lourenço. **Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem**. 1996. 389 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

COHEN, H.; DOUAIRE, J.; ELSABBAGH, M. The role of prosody in discourse processing. **Brain and Cognition**, San Diego, v. 46, n. 1-2, p. 73-82, 2001. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0278-2626\(01\)80038-5](https://doi.org/10.1016/S0278-2626(01)80038-5).

DALLA DÉA, V. H. S.; BALDIN, A. de D.; DALLA DÉA, V. P. B. Informações gerais sobre a síndrome de Down. In: DALLA DÉA, C.; DUARTE, E. (org.). **Síndrome de Down: informações, caminhos e histórias de amor**. São Paulo: Phorte, 2009. p. 23-42.

GOMES, Adriana Leite Limaverde. **Leitores com síndrome de Down: a voz que vem do coração**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

KOZMA, Chahira. O que é a síndrome de Down? In: STRAY-GUNDERSEN, Karen (org.). **Crianças com síndrome de Down: guia para pais e educadores**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 28-32.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. O papel da tessitura dentro da prosódia portuguesa. In: CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês (org.). **Razões e emoção: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003. v. 1, p. 67-85.

MUNIZ, Valéria Campos. Pontuação: uma questão prosódica, sintática, discursiva e semântica. **Pensares em Revista**, São Gonçalo, n. 8, p. 108-130, 2017. DOI: <https://doi.org/10.12957/pr.2016.30749>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/pensaresemrevista/article/view/30749>. Acesso em: 30 jun. 2026.

MUSTACCHI, Zan; SALMONA, Patrícia. Síndrome de Down. In: MUSTACCHI, Zan *et al.* (org.). **Guia do bebê com síndrome de Down**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008. p. 15-27.

OLIVEIRA, Marian dos Santos. **Sobre a produção vocálica na síndrome de Down: descrição acústica e inferências articulatórias**. 2011. 309 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

PACHECO, Vera. **Investigação fonético-acústico-perceptual dos sinais de pontuação enquanto marcadores prosódicos**. 2003. 132 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

PACHECO, Vera. **O efeito dos estímulos auditivo e visual na percepção dos marcadores prosódicos lexicais e gráficos usados na escrita do português brasileiro**. 2006. 349 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

PACHECO, Vera. Escrita, prosódia e leitura. In: FREITAG, R. M. K.; LUCENTE, L. (org.). **Prosódia da fala: pesquisa e ensino**. São Paulo: Blucher, 2017. p. 103-116. DOI: <https://doi.org/10.5151/9788580392593-06>. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/6-20506/>. Acesso em: 30 jun. 2026.

PUESCHEL, Siegfried M. *et al.* **Síndrome de Down: guia para pais e educadores**. Campinas: Papirus, 1993.

SCHWARTZMAN, José Salomão *et al.* **Síndrome de Down**. São Paulo: Memnon, 2007.

SILVA, Anderson Cristian. **A pontuação e os efeitos de sentido: um estudo sob o viés bakhtiniano**. 2009, 148p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade de Taubaté, São Paulo, 2009.

Submetido em: 08/07/2026

Aprovado em: 13/07/2026